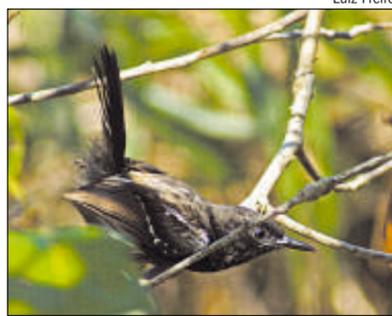


CIÊNCIA

# Extinção na praia



O FORMIGUEIRO-DO-LITORAL: um macho



A FÊMEA TEM penas em tons de marrom

Restingas do Rio abrigam uma das aves mais ameaçadas do mundo

Fotos de Simone Marinho

Ana Lucia Azevedo

Uma das aves em maior risco de extinção de toda a Terra tem como único refúgio uma das áreas do estado do Rio de Janeiro mais ameaçadas por invasões e especulação imobiliária. Conhecido como com-com ou formigueiro-do-litoral (*Formicivora littoralis*), esse passarinho é a única ave exclusiva de restinga do Brasil. Ele vive nos cada vez menores bosques à beira-mar e é encontrado somente na faixa que vai de Saquarema ao início de Búzios, em especial na Restinga de Massambaba.

Da preservação da Massambaba — a mais peculiar e rica das restingas do Sudeste — depende a sobrevivência da espécie. Dono de cores discretas — tons de negro (macho) e marrom (fêmea) — o com-com mede cerca de 12 cm. Uma criatura pequena com imensos problemas, destino incerto de quem disputa espaço com loteamentos, condomínios e banhistas em algumas das praias mais bonitas do estado.

O formigueiro-do-litoral foi descoberto só nos anos 90 e ainda se sabe muito pouco sobre ele. Sequer o tamanho exato da população é conhecido, mas qualquer redução fará diferença para uma espécie de habitat tão restrito.

Na última Birdfair, realizada em 2007 na Inglaterra, foram destacadas quatro dentre as 190 espécies de aves criticamente ameaçadas de extinção — a mais grave de todas as categorias de risco estabelecidas pela União Mundial para a Conservação da Natureza (IUCN, na sigla em inglês), responsável pelas listas globais de animais e plantas em extinção. A Birdfair reúne os principais especialistas do mundo em aves. Além do formigueiro-do-litoral foram selecionadas uma ave do México, uma do Djibouti e outra do Camboja.

— As quatro espécies de aves correm similar risco de desaparecer em pouco tempo. Todas estão em situação desesperadora. O formigueiro-do-litoral é a única espécie do Brasil no grupo e foi incluído porque existe apenas numa pequena faixa costeira — explica a especialista na espécie Maria Alice dos Santos Alves, pesquisadora do Laboratório de Ecologia de Aves do Departamento de Ecologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do Instituto Biomas.

O habitat abrange uma área de cerca de 200 quilômetros quadrados, altamente fragmentados. Até há bem pouco tempo se achava que seu limite norte era a Praia do Peró, em Cabo Frio, mas recentemente foi descoberta uma população isolada em Tucuns, Búzios, pela equipe de Maria Alice.



NA RESTINGA da Massambaba, uma das regiões mais ameaçadas do mundo, Maria Alice Alves e Maurício Vecchi



— Moradores da Região dos Lagos que conhecem esse passarinho ficam surpresos quando descobrem que ele corre risco tão grande. Como ele não é muito difícil de encontrar, dá a ilusão de que é comum. Mas isso está longe de ser verdade — diz o biólogo Maurício Brandão Vecchi, da Uerj e da Pingo D'Água, uma ONG ambientalista da Região dos Lagos que luta pela preservação do com-com.

A ave ganhou esse último nome em alusão ao som que emite. Aliás, a voz é a melhor forma de localizar o passarinho, que gosta de se embrenhar na vegetação de restinga,

conhecida por suas muitas plantas com espinhos e moitas cerradas. O nome formigueiro vem da família de pássaros à qual ele pertence.

Um Plano de Ação para salvar a espécie está sendo elaborado, com coordenação do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade e da SAVE Brasil (afiliada da Bird Life International).

— É preciso proteger a restinga, em especial a Massambaba, se quisermos salvar essa espécie. A APA da Massambaba não é suficiente e a criação de um parque estadual da região não é só bem-vinda quanto urgente — diz Maria Alice. ■

## Sob o domínio do Atlântico

Clima único criou grande biodiversidade

• Lá chove quase tão pouco quanto no sertão. O ar é seco, o céu, azul. Não há rios. Mas, apesar disso, é uma terra sob o domínio da água, a do mar. Correntes do Atlântico e o fenômeno da ressurgência — afloramento das águas geladas das profundezas na altura de Cabo Frio — ajudaram a forjar o clima peculiar da Restinga da Massambaba. E esse clima fez da região (que engloba parte de Cabo Frio) um dos 14 centros de diversidade de plantas do Brasil. Plantas que servem de abrigo e alimento para muitas espécies de animais.

— É uma região muito especial, também influenciada pela salinidade da Lagoa de Araruama, pelo vento nordeste constante. Não é à toa que a Praia Secca, onde fica boa parte da restinga, tem esse nome. No município do Rio caem cerca de 1.400 milímetros de chuva por ano. Em Massambaba, a média anual é de 800 milímetros — explica o botânico Cyl Farney Catarino de Sá, do Jardim Botânico do Rio, que há anos estuda a restinga.

Um trabalho inédito do grupo de Dorothy Sue Dunn de Araújo, pesquisadora da Universidade

Federal do Rio de Janeiro, de Janeiro, revelou que existem 667 espécies de plantas somente na Área de Preservação Ambiental da Massambaba, que não contempla toda a restinga.

— Lá é bem diferente do restante do litoral do estado. As correntes marinhas parecem fazer uma curva ali, as serras estão mais afastadas da praia. Tudo isso contribui para um clima mais seco. É uma região riquíssima — diz Dorothy.

Essa riqueza se exhibe em numerosas espécies de cactos, arbustos e até o pau-brasil. A vegetação que parece caatinga — mas não é, esclarecem Dorothy e Cyl Farney — é uma relíquia de tempos mais secos, surgida há milhares de anos.

Como centenas de outras espécies de plantas e animais, o formigueiro-do-litoral depende da Restinga da Massambaba para sobreviver, mas também pode contribuir para protegê-la ao se tornar uma espécie símbolo da preservação.

**O GLOBO NA INTERNET**  
**GALERIA** Veja mais imagens da Restinga da Massambaba, uma das regiões mais ameaçadas do mundo  
[www.oglobo.com.br/ciencia/salvevoceoplaneta/](http://www.oglobo.com.br/ciencia/salvevoceoplaneta/)



DOIS DOS ANIMAIS apresentados ontem em Seul: americana pagou US\$ 50 mil

## O melhor amigo do clone

Cientistas coreanos fazem cópias de cão de estimação

• Cientistas sul-coreanos conseguiram realizar a primeira clonagem para fins comerciais. Em uma coletiva de imprensa, realizada ontem em Seul, eles apresentaram cinco clones de um cachorro. A clonagem foi feita pela companhia de biotecnologia RNL Bio a pedido da americana Bernann McKinney. Ela pagou US\$ 50 mil por cinco cópias idênticas de seu falecido cão de estimação chamado Booger, da raça pit bull terrier, que morreu em abril de 2006, de câncer.

— O Booger era meu parceiro e amigo — explicou McKinney, que

vendeu a própria casa para obter o dinheiro.

Para fazer os clones, os cientistas utilizaram células retiradas da orelha do pit bull original para fecundar óvulos que foram inseridos em barrigas de aluguel de duas cadelas. Três meses depois, os filhotes nasceram.

Essa não é a primeira vez que os cientistas clonam um cachorro. Na equipe que participou da clonagem de Booger está o professor LLee Byeong-chun. Ele integrou o grupo que gerou o primeiro cachorro clonado do mundo, Snuppy, um afghan hound, em 2005.

LLee Byeong-chun também foi colega de Hwang Woo-suk, que coordenou o trabalho que gerou Snuppy, mas caiu em desgraça e escandalizou a comunidade científica internacional quando uma suposta clonagem de células-tronco provou ser uma farsa em 2005.

Segundo a equipe da RNL Bio, o processo ainda é bastante complicado. Mesmo assim, a empresa afirma que está aberta para futuros pedidos de clonagem. Com a evolução da tecnologia utilizada para fazer os clones, dizem os pesquisadores, o preço do serviço deverá ser reduzido.